

**ADRIADJA DOS SANTOS ALCÂNTARA**

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO  
CONTEMPORÂNEO ACERCA DO FEMININO NA IDADE MÉDIA: GUERRA DAS  
ROSAS X MÍDIAS DE COMUNICAÇÃO**

**SÃO CRISTOVÃO – SE**

**2026**

**ADRIADJA DOS SANTOS ALCÂNTARA**

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO  
CONTEMPORÂNEO ACERCA DO FEMININO NA IDADE MÉDIA: GUERRA DAS  
ROSAS X MÍDIAS DE COMUNICAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso para  
obtenção do título de graduação em  
história apresentado a Universidade  
Federal de Sergipe – UFS.

Orientador: prof. Dr. Bruno Gonçalves  
Alvaro

**SÃO CRISTOVÃO -SE**

**2026**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar presente em minha vida e por ter me dado força e saúde para que eu pudesse concluir o curso. A minha família que sempre me incentivou e apoiou para que eu continuasse os meus estudos. A Universidade Federal de Sergipe por ter me proporcionado as condições para a realização dessa pesquisa e ao professor Bruno Gonçalves Álvaro, pela orientação dada a esse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho analisa como as mídias de comunicação influenciam a construção de um imaginário contemporâneo sobre o feminino na Idade Média, focando na intersecção entre a Guerra das Rosas e a representação midiática. A pesquisa investiga as figuras femininas retratadas em duas séries e seus romances correspondentes, "A Rainha Branca" e "A Princesa Branca", de Philippa Gregory. A autora, ao explorar a narrativa histórica, oferece uma visão crítica sobre as mulheres da época, sublinhando seu papel como agentes na configuração da história, em contraste com a narrativa tradicional que as relegava à invisibilidade.

O estudo é estruturado em três capítulos. O primeiro analisa os romances de Gregory, enfatizando a representação feminina e a intertextualidade entre história e ficção. O segundo capítulo examina as séries, considerando a perspectiva feminina que permeia suas narrativas e os desafios enfrentados pelas protagonistas. Por fim, o terceiro capítulo compara as adaptações, revelando como as diferenças na mídia impactam a percepção do público sobre a história.

A pesquisa conclui que as obras contemporâneas não apenas recontam eventos históricos, mas também moldam a compreensão atual do feminino, promovendo uma reflexão crítica sobre gênero e poder. Essa análise destaca a relevância das narrativas midiáticas na formação de identidades femininas, contribuindo para o debate sobre a representação das mulheres na história.

Palavras- chave: imaginário, mídias de comunicação, mulheres na idade média

## RESUMO EM LINGUA ESTRAGEIRA

Este trabajo analiza cómo los medios de comunicación influyen en la construcción de un imaginario contemporáneo sobre lo femenino en la Edad Media, enfocándose en la intersección entre la Guerra de las Rosas y la representación mediática. La investigación investiga las figuras femeninas retratadas en dos series y sus novelas correspondientes, "La Reina Blanca" y "La Princesa Blanca", de Philippa Gregory. La autora, al explorar la narrativa histórica, ofrece una visión crítica sobre las mujeres de la época, subrayando su papel como agentes en la configuración de la historia, en contraste con la narrativa tradicional que las relegaba a la invisibilidad.

El estudio se estructura en tres capítulos. El primero analiza las novelas de Gregory, enfatizando la representación femenina y la intertextualidad entre historia y ficción. El segundo capítulo examina las series, considerando la perspectiva femenina que permea sus narrativas y los desafíos enfrentados por las protagonistas. Finalmente, el tercer capítulo compara las adaptaciones, revelando cómo las diferencias en los medios impactan la percepción del público sobre la historia.

La investigación concluye que las obras contemporáneas no solo recontaron eventos históricos, sino que también moldean la comprensión actual de lo femenino, promoviendo una reflexión crítica sobre género y poder. Este análisis destaca la relevancia de las narrativas mediáticas en la formación de identidades femeninas, contribuyendo al debate sobre la representación de las mujeres en la historia.

\*Palabras clave:\* imaginario, medios de comunicación, mujeres en la Edad Media

## SUMARIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7-8</b>
<b>2. CAPÍTULO 1: A RAINHA E A PRINCESA BRANCA DE GREGORY: HISTÓRIA, FANTASIA E IMAGIMARIO.....</b>	<b>9-11</b>
2.1. A rainha branca e a princesa branca: enredo e representação feminina.....	11-17
<b>3. CAPÍTULO 2: SERIES A RAINHA E A PRINCESA BRANCA: UMA NOVA VISÃO SOBRE A HISTORIO.....</b>	<b>18-22</b>
3.1. A princesa branca uma continuação da nova visão.....	22-24
<b>4. CAPÍTULO 3: INFLUÊNCIAS DAS MÍDIAS DE COMUNICAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINARIO CONTEMPORÂNEO ACERCA DO FEMININO MEDIEVAL.....</b>	<b>25-28</b>
4.1 Guerra das rosas: como as sereis moldam a percepção acerca da mulher dentro deste período.....	28-32
4.2 Como a literatura pode influenciar o imaginário contemporâneo acerca do feminino medieval.....	32-33
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>6. REFERÊNCIA .....</b>	<b>36-37</b>

## Introdução

Este trabalho cujo tema é “Análise da influência midiática na construção de um imaginário contemporâneo acerca do feminino na idade média: guerra das rosas X mídias de comunicação”, tem como objetivo combater como as mídias de comunicação em massa, como livros e séries podem influenciar o imaginário contemporâneo acerca das mulheres da Idade Média. Buscando entender quem são as mulheres retratadas? Quem são retratadas? Esse retrato é um a influência do olhar que que está produzindo este produto? Quem está produzindo? E por fim é não menos importante entender quem consome esse conteúdo?

A escolha por esse tema se deu por motivos de afinidade com o objeto de estudo visto que tenho consumido este tipo de produto seja ele no modelo de séries que usam a idade média como plano de fundo para suas obras, seja por meio dos romances históricos. E esse trabalho é uma tentativa de unir esses dois fatores com a minha paixão pela história e pelo simbolismo. Já o recorte de gênero, ou seja, a busca pela compreensão acerca de um imaginário contemporâneo sobre as mulheres da Idade Média apareceu em uma reunião com meu orientador, visando o material de pesquisa que tinha em mãos.

Esse trabalho será realizado por meio da análise de duas séries. Sendo elas: “A rainha branca” de 2013 e “A princesa branca” de 2017. Assim como também serão analisados os dois romances históricos de mesmo nome das séries e que serviram como base para a produção televisiva. Ambos os livros pertencem a coleção “Guerra dos primos” da romancista Philippa Gregory

Este trabalho será dividido em três capítulos. No capítulo um será apresentado e analisado os romances, sua autora e como ele retrata a mulher medieval buscando compreender com ele influência o imaginário contemporâneo ao mesmo passo que é influenciado por este. No segundo capítulo será analisado as séries, seus discursos, contexto, representações, e quem está envolvido em sua produção. No terceiro e último capítulo será realizado uma análise comparadora entre as séries e os livros, buscando identificar as divergência e aproximações do discurso dentro destes dois produtos midiáticos. Que são continuidades uns dos outros, ou até mesmo derivados,

que retratam um mesmo período da história da Inglaterra, a Guerra das rosas, ao passo que possui estrutura e meios de comunicação diferentes.

Por fim é importante destacar que o objetivo final deste texto é compreender como as mídias de comunicação em massa contribuem para a criação de um imaginário contemporâneo acerca do feminino na Idade média, ao mesmo tempo que é influenciado por este.

## **Capítulo 1: A rainha a princesa branca de Gregory: História, fantasia e imaginário**

A rainha e a princesa branca, nada mais é que os títulos dados por Philippa Gregory a dois de seus mais conhecidos romances históricos, que integram a coleção denominada “Guerra dos primos”, nesta coleção Gregory busca recontar a história da Guerra das rosas, que foi um conflito que durou de 1455 a 1487 colocando as casas descendentes de Plantageneta, em lados opostos, eram elas os York e os Lancaster. As casas lutavam e reivindicavam para se o trono inglês. O nome do conflito faz referência ao escudo das dinastias envolvidas a rosa branca dos York e a rosa vermelha ligada a casa Lancaster. Algumas das batalhas mais importantes deste período foram a batalha de Towton, conhecida como uma das mais sangrentas e cruéis da história da Inglaterra medieval e a batalha de Bosworth Field, que levou a Ascensão de Henrique VII Tudor ao trono. O nome da coleção “Guerra dos primos” faz uma referência ao parentesco das dinastias que encabeçaram esse conflito.

Philippa Gregory, é uma das maiores escritoras da Inglaterra, reconhecida por seus pares como a rainha da ficção histórica britânica. Gregory, é historiadora e romancista de formação. Ela faz uso de elementos históricos e ficcionais para dar vida a suas narrativas. Usando acontecimentos e personagens reais da história, sobretudo Grã-Bretanha em suas narrativas, misturando a ficção e a imaginação para fechar lacunas e dar mais peso e personalidade a história e ao personagem. Um ponto notório em suas obras é a influência do movimento feminista, da história social e da luta de gênero em seus trabalhos. Mostrando que seu trabalho anda lado a lado com suas crenças pessoais, visto que, a própria se autodeclara como uma historiadora feminista radical. Em seu trabalho tanto na literatura, quanto na historiografia a autora busca reexaminar os discursos históricos e patriarcais que vigoraram por séculos na história da humanidade, se distanciando da ‘história dos grandes homens’ e trazer o protagonismo para as mulheres que foram silenciadas ou esquecidas ao longo da história.

Como dito acima a autora navega pelo campo da História social que é uma corrente de pesquisa que tem como principais temas abordados as classes sociais, relações de gênero, cultura e movimentos sociais. A origem desse campo teórico se

dá no final do século XIX e início do XX, quando alguns autores como Leopold von Ranke, começaram a se contrapor a historiografia tradicional e novas fontes, porém ainda focada na elite masculina e nos eventos. No início do século com o surgimento de movimentos operários elevou a necessidade de entender a experiência da classe trabalhadora. Durante as décadas de 1940, 1960 e 1970, ocorreu um movimento de interdisciplinaridade, onde a história passa, com ainda mais força, a dialogar com outras disciplinas como, a sociologia, a antropologia, a filosofia e outras. Outro ponto importante foi a revolução cultural, quando as histórias das minorias passaram a ganhar mais visibilidade sobretudo o feminismo e os direitos civis.

Dentro da história social, aquilo que mais influencia o trabalho de Gregory, é a luta de gênero e sobretudo o feminismo, que é a busca pelo direito das mulheres e pela igualdade de gênero. Este movimento tem passado por três grandes ondas. A primeira grande onda ocorreu entre o final do século XIX e início do século do XX, cujo foco principal era o sufrágio feminino e os seus direitos legais. As mulheres que participaram deste movimento ficaram conhecidas como sufragistas, entre os principais nomes estão Susan B. Anthony e Emmeline Pankhurst. Já a segunda onda veio durante as décadas de 1960- 1970, período em que ocorria uma revolução cultural de cunho mundial, e que os movimentos sociais eram a pauta da vez. E os movimentos de luta de gênero também integraram esse cenário, trazendo para o jogo assuntos como a sexualidade feminina, trabalho e direitos reprodutivos. Já a terceira onda ocorreu entre 1990 e 2000, e trouxe consigo além das pautas levantadas na onda anterior a questão da raça, da classe e da orientação sexual da mulher, mostrando as deferentes perspectivas dentro de um grupo tão amplo e diverso como o feminino.

É claro que o movimento feminista não se deu apenas durante o período das grandes ondas, mulheres lutam por seus direitos desde muitos anos antes deste período e até hoje essas pautas são levantadas diariamente buscando, uma igualdade de gênero que muitas vezes ainda está bem longe de ser alcançada, apesar de muitos avanços políticos e sociais as mulheres ainda estão em uma posição de inferioridade dentro da sociedade que ainda se recusa a deixar para trás as raízes do patriarcado. O movimento feminista possui várias vertentes, porém a que mais influencia os escritos de Phelippa Gregory, sobretudo na coleção “Guerra dos primos”, consequentemente nos dois romances analisados neste trabalho, “A rainha branca” e

“A princesa branca”, é o feminismo radical, que acredita que a operação de gênero é uma gestão central para o debate e luta por mudanças radicais e profundas na sociedade. A própria autora se declara uma feminista radical e nos seus textos ela sempre buscou dar voz as mulheres e mostrar o ponto de vista delas e o seu papel para construção da história, dando as mulheres um papel que por séculos lhes foi tirado o de agentes produtores da história, e não meros telespectadores ou de unicamente um produto dela.

### **1.1 A rainha branca e a princesa branca: enredo e representação feminina**

O romance A rainha branca é marcado por simbolismos, sejam eles históricos ou oriundos da imaginação de Gregory. Um exemplo da riqueza simbólica presente nesses livros, não apenas em “A rainha branca”, como também em “A princesa branca”, já está no seu próprio título, o termo rainha branco é uma referência direta a personagem principal da obra Elizabeth de Woodville, que será esposa do Rei Eduardo IV de York e Rainha consorte da Inglaterra, e o termo branca é clara alusão a rosa branca, que era usada para representar os York e era carregada por seus apoiadores. Em relação a “A princesa branca” é uma alusão simbólica a Elizabeth de York, filha primogênita do casal citado acima, sendo assim era uma princesa nascida dentro desta dinastia.

As rosas, sejam elas a rosa branca ou a vermelha são utilizadas em diversos momentos do livro, como por exemplo na passagem aonde Elizabeth e seus irmãos caminham até um local onde se esperava que o rei passasse, e consigo carregavam rosas brancas para mostrar que eles eram sim apoiadores da dinastia iorquina.

A simbologia é algo de grande relevância para o enredo do romance, estando presente em vários momentos seja nas flores que representavam cada casa, demarcado assim poder, influência, identidade e pertencimento a uma das dinastias ou como seus apoiadores, trazendo assim legitimidade para suas reivindicações. Outro ponto simbólico, está nas cores das roupas com que os personagens são descritos no decorrer do livro sejam elas claras ou escuras para representar as

emoções ou o estado de espírito de cada pessoa ali presente, onde cores, mas claras podem representar calma e inocência, e as cores mais fortes como vermelho e o preto simbolizam a violência e o final da inocência. Isso pode ajudar o leitor a perceber as mudanças e o amadurecimento do personagem ao longo da história.

A simbologia é algo que pode vir a ser uma grande ferramenta de comunicação, pois os símbolos podem ser formas, muitas vezes mais discretas de se passar uma mensagem para alguém. No caso do livro é uma forma do narrador mostrar mais camadas dos personagens, para o leitor. Já no caso dos personagens, entre eles, é uma forma de marcar uma posição, um lado na guerra, se passar uma mensagem de uma forma mais discreta a um aliado, sem que o inimigo perceba. É um período de guerra onde a informação era algo precioso e deveria ser passada com cuidado.

Um exemplo de um símbolo, usados dentro do livro como a intenção de demarcar identidade, pertencimento e status social, pode ser visto no trecho:

“Vejo o barco Beaufort com a bandeira do dragão vermelho do País de Gales agitando-se na popa. Jasper Tudor, o todo-poderoso do País de Gales, está levando seu sobrinho, o jovem Henrique Tudor, à corte para visitar o rei, seu parente. Metade proscrito, metade príncipe. Jasper voltará aos castelos do País de Gales, e Lady Margaret Beaufort derramará lágrimas de alegria por seu filho de 14 anos, não tenho dúvida.” (Gregory, p.177, 2022)

O trecho narra o retorno de Henrique Tudor, futuro rei da Inglaterra, à corte, após anos em exílio, devido às suas ligações com a casa Lancaster, e às aspirações de sua mãe para colocá-lo no trono, sendo assim visto como uma ameaça à dinastia York. Aqui a bandeira representa o local de origem e dos personagens, assim como quem eles são. Para Joseph Campbell, renomado mitólogo e escritor estadunidense, que ficou conhecido por estudar a mitologia e o poder dos símbolos. Considerava que os símbolos eram veículos de significados, seja eles simples ou complexos e que para compreendê-los é preciso interpretação. Um símbolo poderia representar uma mudança ou crescimento pessoal, ou uma conexão espiritual, tendo o poder de conectar os indivíduos a realidades muito além das quais ele conhece. Sendo assim o símbolo é imprescindível para uma narrativa ou até mesmo para a compreensão da realidade humana.

Essa simbologia está no decorrer de todo o enredo algumas vezes de forma mais sutil, outras de forma nas claras. Porém antes de começarmos de fato a tratar do enredo e desenvolvimento da história contada por esses livros e sobre como cada figura feminina aqui é representada. Se faz importante lembrar quem são elas e a qual classe social elas pertencem. Com o título já deixa claro a história se passara em torno da Rainha Elizabeth Woodville e de sua filha Elizabeth de York, deixando claro que elas pertencem a realeza inglesa, porém e as outras? Elas também pertencem a nobreza, na verdade uma alta nobreza todas seja Margareth Beaufort, Anne Neville, Cecily de Neville ou Cecily de York, estão ligadas as dinastias que disputam a batalha pelo trono da Inglaterra. Apesar do livro mostrar que a alta nobreza não aceita o casamento do Rei Eduardo IV com Elizabeth de Woodville, ou Elizabeth Grey seu nome de viúva de seu primeiro casamento, por ela ser de uma classe inferior, isso se deu por dois motivos; ela pertencer originalmente a uma família pertencentes a baixa nobreza e ao fato de que seu primeiro marido morreu lutando ao lado dos Lancaster. Mas isso não muda o fato de que todas as personagens relevantes são nobres e que não há uma representação das classes mais baixas da sociedade.

No decorrer do enredo do livro “A rainha branca”, a autora desenvolveu diversos temas, a busca pelo poder, o amor, a religiosidade, família, maternidade e resiliência e a inteligência feminina em meio a um campo cercado de violência e dominado pelo patriarcado. Para isso reúne elementos históricos e imaginários.

A história começa como o encontro de Elizabeth Grey, apresentada assim em um primeiro momento por seu filho Thomas Grey fruto de seu primeiro casamento com o falecido John Grey, com o Rei Eduardo IV de York. Nesse primeiro momento a protagonista é apresentada como uma jovem viúva de grande beleza e inteligência, porém devido as sociedades em que está inserida teme perder seus filhos. A beleza de Elizabeth, encantara o rei, o levando a se casar com ela, mesmo com todas as consequências que isso poderia acarretar, visto que era esperado que ele se casasse com uma princesa estrangeira para construir uma aliança forte. A narrativa do livro seguira pelas consequências deste casamento, Elizabeth não é bem aceita pela família do rei em pôr seus aliados. Porém ela se mostrara uma mulher forte e inteligente e capaz caminhando por conflitos políticos, familiares intrigas e traições, sempre buscando manter o seu lugar na corte assim como proteger sua família.

O livro mostra a relação entre as casas York e Lancaster, bem como mostrar a perspectiva feminina em toda a sua complexidade em um período em que o patriarcado era dominante. Mas quem são essas mulheres e como elas são apresentadas dentro do romance?

Bom, como dito antes o romance se inicia com o encontro de Elizabeth Grey, ou Woodville seu nome de nascimento, com Eduardo IV. Mas o que não foi dito é que esse encontro foi procurado por ela, Elizabeth, não era apenas uma jovem viúva de grande beleza, mas também, de grande inteligência e coragem, ela vai ao encontro do rei em busca de sua ajuda, ela se via desamparada após a morte do marido e com dois filhos pequenos, sendo assim buscou ao rei para que esse a ajudasse a ter de volta suas terras que lhe foram usurpadas pela família de seu falecido cônjuge. Ou ponto é que Elizabeth sabe de seu poder e beleza e usa disso para conquistar a atenção do rei para ela ao ponto dele se apaixonar e de tomá-la como esposa. Algo que ia contra as perspectivas da sociedade da época. Sua força e inteligência e ambição são marcas registradas da personagem, que mesmo não sendo aceita por aqueles a cercam dentro da corte ela, fara de tudo para manter sua posição e para buscar uma melhor condição a sua família.

— Aponta a lâmina para o seu rei? — pergunta ele. — Sabe que isso é traição?

— Aponto a lâmina para mim mesma — replico rapidamente. Pressiono a ponta afiada contra a minha garganta e vejo seus olhos se estreitarem. — Juro que se der mais um passo, se se aproximar um pouquinho, cortarei minha garganta na sua frente e sangrarei até morrer aqui, no solo em que teria me desonrado.

— Está blefando!

— Não, isto não é um jogo para mim, Vossa Graça. Não posso ser sua amante. Eu o procurei pedindo justiça e vim por amor. Sou uma tola por ter feito isso, e peço perdão por minha insensatez. Mas eu também não consegui dormir, eu também não consegui pensar em mais nada que não em Vossa Graça, eu também não parei de me perguntar se viria. Mas ainda assim... ainda assim, o senhor não deveria...

— Posso tirar a faca da sua mão em um instante — ameaça.

— Esquece se de que tenho cinco irmãos. Brinco com espadas e adagas desde que era criança. Cortarei minha garganta antes que me alcance.

— Nunca faria isso. Você tem a coragem de uma mulher.

— Experimente. Experimente. Não conhece a minha coragem. Pode vir a lamentar o que acontecer. Ele hesita por um segundo, seu próprio coração

batendo em um misto perigoso de raiva e luxúria, e então se controla, levanta a mão em um gesto de rendição e recua.” (Gregory, p.33, 2022)

A maternidade, lealdade e a proteção a sua família também são cruciais nesta personagem. Elizabeth aqui, se mostra uma mãe dedicada, que se preocupa com o bem-estar e a segurança de seus em meio aos conflitos oriundos da guerra de suas rivalidades pessoais. Sua lealdade a casa York é indiscutível, e muitas vezes faz sacrifícios para garantir os objetivos da dinastia iorquina. No quesito de sua religiosidade pode-se que ela seja ‘sincrética’, visto que ao mesmo tempo que sua vida é regida por certos dogmas cristãos, religião oficial da época, ela recorria a usos da magia, uma herança de sua mãe, em momentos de dúvidas afirmando ser ‘filha da deusa da água’. Nossa protagonista é uma mulher multifacetada, que representa desde a força feminina até a sua vulnerabilidade dando mais complexidade a personagem.

“Como a mulher jovem que sou uma parte de mim quer correr para dentro de casa, se jogar na cama e chorar até dormir. Mas não faço isso. Não sou uma de minhas irmãs que riem e choram com facilidade. Elas são garotas que apenas assistem aos acontecimentos e se afligem. Mas não me comporto como uma boba. Sou filha de uma deusa da água, uma mulher com água nas veias e poder em sua ascendência, que faz as coisas acontecerem, e ainda não fui derrotada. Não serei derrotada por um garoto com uma coroa conquistada recentemente, e nenhum homem nunca se afastará de mim certo de que nunca retornará. Portanto não vou direto para casa. Sigo na direção da ponte sobre o rio, do freixo no qual a linha de minha mãe está amarrada, e puxo-a mais um pouco, amarrando-a bem. Só então volto para casa, absorva em pensamentos sob o fraco luar.” (Gregory, p. 35, 2022)

Outra peça central para a história é Margareth Beaufort, mãe de Henrique Tudor, ela será uma espécie de o outro lado da moeda para Elizabeth de Woodville, visto que ela é uma apoiadora da casa Lancaster. Descrita como uma mulher ambiciosa, que desde jovem aprendeu a importância do poder e da posição social que ocupa. Seu principal objetivo de vida é que seu filho único, Henrique, se torne o rei da Inglaterra. Seu conflito com Elizabeth é uma representação clara da dinâmica da guerra das rosas, pois essas mulheres se encontram em lados opostos, sendo uma na outra um obstáculo para alcançar seus objetivos. Margareth domina a arte da manipulação e usará isso a seu favor, e contra sua rival manipulando algumas intrigas dentro da corte para tentar diminuir a influência da rainha. Sua maternidade, é algo central para

Beaufort, ela está disposta a tudo por ele e para colocá-lo no lugar que ela acredita ser dele por direito. Ela se tornou mãe muito cedo, com apenas 12 e devido as complicações ocorridas no parto ela acabou por se tornar estéril o que aumenta muito mais sua superproteção para com Henrique.

Margareth também é uma mulher, extremamente religiosa e dedicada em sua fé católica. E inclusive usa de sua religião para justificar algumas de suas ações, mesmo aquelas que alguns jugam indefensáveis. Devido a sua posição política e suas Margareth acaba constantemente em uma situação de isolamento dentro do círculo social que está inserida, o que a leva a se sentir, em alguns momentos, solitária e vulnerável dando ainda mais profundidade a suas ações.

Cecily de Neville, também tem um papel de destaque na trama, a matriarca da dinastia York, terá uma relação conflituosa com sua nora Elizabeth, não a considerando uma esposa adequada para seu filho, e considerando este matrimônio como uma escolha inconsequente por parte de seu primogênito Eduardo, pois ela acredita que foi algo decidido apenas pelo coração, sem pensar de fato nos problemas que tal decisão traria para sua posição como rei e para toda sua família. Cecily, é descrita como uma mulher forte, resiliente, manipuladora e de sabedoria fluida, ela sabia lidar com as intrigas e as políticas da corte, conseguindo quase sempre manipular a situação em favor do seus. Ela também é uma mãe muito protetora e leal, sempre buscando o melhor para o futuro para de seus filhos Eduardo, Richard e George, apesar de alguns alegarem uma certa preferência dela por seu caçula Richard, algo que até os próprios irmãos, sobretudo Eduardo, se ressentiam. Principalmente quando os boatos a respeito de uma bastardia de Eduardo, que alguns diziam não ser filho de seu pai Richard conde de York pois, este não estaria presente no período de sua concepção. Cecily é uma mulher multifacetada que apresenta poder e vulnerabilidade de forma a completar sua personalidade.

Por último, porém não menos importante temos Anne Neville, filha do conde de Warwick, Richard de Neville, que também ficou conhecido como o “fazedor de rei”, devido ao seu papel para a coroação de Eduardo IV e de Richard III, ambos da casa York. De todas as personagens citadas neste trabalho, ela é sem dúvidas a que se encontra em maior situação de desvantagem na história. Sendo representada como uma mulher que teve a vida movida pelos interesses de seu pai, e pelas consequências da guerra. Descrita como uma jovem emocional e vulnerável. Anne

no decorrer do livro se ver obriga a amadurecer e a aprender a lidar com as expectativas impostas sobre ela, descobrindo uma força e resiliência única, que ela usará para proteger aquelas que ela ama, assim como manter seu poder e status social. Anne se casará com Richard III, seu casamento será profundo e muito emocional, pois apesar de ter cedido a ela passará a ter sentimentos verdadeiros por ele.

Seguindo para o romance “A princesa branca”, que é uma continuidade da história narrada no romance anterior, e que se passará durante o reinado de Henrique VII da casa Tudor, encontramos Elizabeth de York, filha de Eduardo IV e Elizabeth de Woodville.

O livro começa com a comitiva de Henrique VII indo até a princesa iorquina, para reivindicar a promessa matrimonial existente entre eles. Com o casamento do rei Tudor e da Princesa primogênita da casa York, a guerra se finda oficialmente e as duas linhagens se unificam em uma só, dando assim origem ao reinado da nova dinastia Tudor ao seu símbolo uma junção das duas dinastias uma grande rosa vermelha com uma branca no centro. Aqui se encontra uma Inglaterra arrasada pela guerra, com uma economia destruída, uma nobreza enfraquecida e uma sociedade que passava por mudanças. O ponto central aqui é a maternidade, será por meio dela que muitas coisas começam a mudar sobretudo a forma de ver o mundo de Elizabeth.

Elizabeth de York, começa o livro dividida e em conflito sobre si mesma, sendo ela uma princesa nascida no York, e agora casada com um Tudor, descendente Lancaster que até pouco tempo atrás era seu inimigo. Descrita como leal, amorosa e resiliente ela passará por uma autodescoberta enquanto, equilibra sua responsabilidade com as duas famílias e buscará ao lado de seu marido reconstruir o poder inglês e garantir o futuro de sua dinastia por muitos anos.

Os romances de Philippa Gregory, nos apresenta figuras multifacetadas, que caminham por todas as camadas da existência feminina, dando a cada uma delas personalidades únicas, porém cada uma a sua maneira tem se sobrepôr e garantir que seus objetivos e o de seus aliados sejam alcançados, em um momento em que o mundo era dominado por homens e que a mulher muitas vezes era colocada à parte da sociedade. Simbolizando assim, a luta e a resistência feminina em tempos de grandes conflitos, ao mesmo tempo que busca o seu lugar em um mundo repleto de mudanças.

## **Capítulo 2- Séries A rainha e A princesa branca uma nova visão sobre a história**

Se os romances apresentados no capítulo anterior são uma versão romantizada, e fantasiosa dos fatos ocorridos durante a guerra das rosas. As séries por sua vez são uma adaptação desta visão. É importante lembrar que tanto os romances históricos, quando as séries televisivas deixam claro que apesar de se inspirar e até mesmo, narrar fatos que ocorreram na história, eles não foram produzidos com a intenção, nem com o rigor que a história enquanto ciência exige. Sendo assim, não tendo qualquer compromisso com a veracidade da história contada. Porém mesmo sem esse cunho de verdade, muitas pessoas que acabam por consumir esses produtos tomam eles como base de seus conhecimentos e de seu imaginário sobre a realidade retratada.

As series, “A rainha branca” e “A princesa branca” são produções adaptadas dos romances de Philippa Gregory, sua produção, divisão comercial e distribuição são de responsabilidade da BBC studios. Que é uma empresa conhecida por sua responsabilidade social, diversidade cultural, inclusão e inovação, buscando trazer em suas produções pontos de vista diferenciados e com perspectivas diversas, valorizando dar espaço a todos as vozes e experiências, buscando refletir a diversidade contida dentro das dinâmicas e estruturas sociais, e que seu conteúdo contribua para o bem-estar do seu público. As séries foram lançados respectivamente em 2013 e em 2017, abordando temas como a história da Inglaterra, sobretudo a disputa pelo trono, que ocorreu no século XV, o empoderamento feminino e a crítica a uma busca insaciável pelo poder.

A série “A rainha branca” lançada originalmente em 2013, teve como diretor James Kent, conhecido por trabalhos como The last kingdom e the thirteenth tale. Kent é um diretor familiarizado com séries oriundas de adaptações de romances históricos desde aqueles de autoria feminina como os de autores masculinos, buscando criar uma atmosfera de veracidade, impacto e emoção. Já o roteiro ficou a cargo de Emma Frest que é conhecida por seu talento em escrever mulheres complexas e envolvê-las em nativas envolventes. É válido dizer que esse não foi o único trabalho desse tipo que a dupla desenvolveu com sucesso.

Assim como no livro a história irá se passar durante o período que ficou como a Guerra das rosas, 1455-1487, mais especificamente durante o reinado de Eduardo IV e Richard III da Casa York. Somando elementos históricos e ficcionais em sua composição. A história será tratada por meio da visão feminina da guerra, dando ênfase à participação delas para a resolução dos conflitos políticos ao mesmo tempo que lidam com as responsabilidades e imposições postas sobre elas pela sociedade patriarcal que as cerca, por suas próprias famílias e seus próprios desejos. Mostrando a força e a vulnerabilidade feminina, como dois lados que caminham juntos dentro da realidade feminina, sem masculinizar ou as tornar sempre dependentes dos homens existentes em sua volta.

A série se inicia com o primeiro encontro entre Elisabeth de Woodville e Eduardo IV de York. Devido a beleza da jovem viúva de Woodville, o rei acaba por ser apaixonar por ela, com isso ele toma a ariscada decisão de se casar com ela. Porém a Ascensão de Elisabeth ao posto de rainha consorte da Inglaterra, não foi muito bem aceita tanto pela família York, quanto pelos apoiadores dele. Que a viam como alguém inferior devido à sua classe social de origem, já que ela vinha de uma baixa nobreza e que passado já tinha demonstrado apoio aos Lancaster. A série é marcada por inúmeros conflitos, tanto em campo de batalha, quanto sociais e familiares. Quanto cada personagem luta para manter sua posição e aumentar o seu poder.

A série apresenta diversos personagens incríveis tanto masculinos, quanto femininos, porém aqui focaremos apenas nas quatro principais, pois é através da relação e da dinâmica delas que a história se desenrola. São elas a Rainha branca, Elizabeth de Woodville, Cecily Neville, Anne Neville, ligadas a casa York, cujo símbolo era uma rosa branca, Margareth Beaufort, descendente da casa Lancaster e cujo símbolo era uma rosa vermelha. Assim como nos livros todos os personagens de destaque e sobretudo as mulheres, pertenciam a nobreza inglesa. Os membros das classes inferiores praticamente não parecem. Durante a narrativa do drama todas as esferas da vida dessas mulheres são desenvolvidas desde a ambição, a maternidade, a vulnerabilidade, a sagacidade até a inteligência.

Mas como exatamente cada uma dessas mulheres são retratadas na série? Um ponto a se levar em consideração é que no livro o leitor é levado a imaginar as personagens e os ambientes, já na série, isso já dado ao telespectador, de forma bem clara e objetiva, tudo é pensado para transmitir uma mensagem que carregue consigo

emoção e veracidade, desde o figurino até a estética visual da cena, visando dar mais poder a cada seguimento da personalidade do personagem.

Mas respondendo à pergunta acima cada uma dessas figuras femininas é apresentada de uma forma única, multifacetada e complexa, de uma forma que se possa ver o ser humano por traz daquela figura, mostrando como o ecossistema feminino é composto. Elizabeth de Woodville, aqui é interpretada pela atriz sueca Rebecca Ferguson e representada uma jovem lady de beleza e carisma únicos, uma jovem viúva ambiciosa e que ao mesmo tempo teme perder os seus filhos. A serie se inicia com ela, e apesar de deixar claro os sentimentos dela por Eduardo IV, é notório que ela usa de seus atributos físicos para chamar a atenção do rei para se e conquistá-lo. Seu casamento lhe redeu poder, porém não lhe deu uma vida fácil. A serie mostra como o casamento de Elizabeth com Eduardo foi considerado por muitos como uma decisão ruim, e de péssimas consequências para a posição do Rei.

Muitos acreditavam que Eduardo de York se casaria com princesa estrangeira, para aumentar suas forças e conseguir alianças. Porém isso não acontece, ele se apaixona e casa com Elizabeth uma jovem lady pertencente a baixa nobreza da Inglaterra. Esse casamento custou aliados importantes e criou rachaduras dentro da casa da rosa branca. O que levou Elizabeth a ter uma relação conturbada com os familiares de seu marido desde a hora que fora anunciada como rainha e esposa de Eduardo IV.

Elizabeth usara de sua inteligência para proteger e elevar o status de sua família, além do seu próprio. Em momentos em que seu marido está em campo de batalha ela assume as rédeas da situação, tudo visado manter sua posição e proteger aqueles que ama. Com a morte de Eduardo, seu irmão Richard, dá um golpe em seu sobrinho o príncipe Eduardo, e se coroa rei. Com isso Elizabeth e seus filhos são aprisionados dando origem ao que ficou conhecido como os príncipes da torre. Apesar de tudo, ela não desiste de restaurar o lugar de direito de seus filhos. No final a protagonista se pega pensando em seu legado e como se manter de pé em um mundo dominado pelos homens.

Outra personagem importante é Margareth Beaufort, que é o outro lado da moeda em relação a Elizabeth. Margareth, aqui é uma descendente da casa Lancaster que tem como principal objetivo colocar seu filho Henrique Tudor, no trono da

Inglaterra. Se tornando mãe aos 12 anos de idade, através de um parto difícil que acabou por lhe deixar estéril. Ela manipulará todas as situações possíveis para conseguir seu objetivo. É uma mulher profundamente religiosa e usa disso para justificar todas as suas ações, mesmo aquelas, que muitos consideraram imperdoáveis.

Sua rivalidade com Elizabeth é um dos pontos centrais da obra, vendo-a como como um empecilho para seu objetivo maior, com isso Margareth passa a manipular intrigas dentro da corte com o objetivo de desestabilizar e influenciar o corte contra a rainha iorquina. Outro ponto interessante entre essas duas grandes figuras é a diferença de valores. Enquanto Margareth é extremamente religiosa, Elizabeth possui uma religiosidade mista pois, apesar de praticar a religião católica, ela acaba por recorrer também a certos aspectos de magia, acreditando ter uma ligação íntima com ela. Sem falar que a rainha é movida pelo amor a sua família, já a lady Beaufort é movida por sua ambição e desejo de colocar seu filho no trono. Essa intriga entre essas duas grandes senhoras irá influenciar a tomada de decisões e as escolhas de lados dentro da nobreza.

Cecily de Neville, na série, assim como no livro é a matriarca da casa York. Interpretada por Caroline Goodall, que nos apresenta Cecily como uma mulher ambiciosa, e que entende muito bem sobre a política e o jogo de poder que é a corte. Conseguindo lidar bem com os dilemas, alianças e conflitos que a cerca. Como mãe, a matriarca de York era muito dedicada e superprodutora com seus filhos, sobretudo com Eduardo IV e Richard III, apesar que para alguns, inclusive o próprio Eduardo, Richard seria o filho favorito dela. Sua não aceitação a seu casamento com Elizabeth, suas alfinetadas ao fato de que seus primeiros descendentes serem meninas e até o boato de que Eduardo poderia ser bastardo, devido que no período de seu nascimento seu pai estava ausente, e um certo silêncio velado de sua mãe esse período causou certo atrito na família.

Cecily possui uma rivalidade clara com Margareth, deixando evidente o conflito Lancaster/Tudor versus York, rosa branca versus a rosa vermelha. Se mostrando como uma mulher resiliente e forte que busca manter o poder e a unidade de sua família. Exercendo influência sobre os homens de sua família, seu marido, e posteriormente os filhos.

Por fim temos Anne de Neville, filha de Richard Neville, forte aliado da casa York, começa a série como uma jovem ingênua, que vai amadurecer com o passar do tempo. Anne acaba por se casar com Richard III, vivendo com ele um relacionamento complexo, cheio de atos e baixos, amor, lealdade e os conflitos políticos oriundos da guerra. Anne enfrenta os desafios da corte assim como a pressão de sua família e de seus próprios desejos. Ela também nutria uma rivalidade com Elizabeth de Woodville, visto que ambas lutaram para manter a sua posição e influência.

## **2.1 A princesa branca uma continuação da nova versão**

A série “A princesa branca” é uma continuação direta de “A rainha branca”, sendo lançada em 2017, contou com a mesma roteirista de sua série irmã, Emma Frost, e com a direção do britânico Jamie Payne, conhecido por criar atmosferas emocionantes e envolventes e por dirigir dramas históricos e de época. Um outro trabalho de grande sucesso de Payne foi “A princesa espanhola”, ou *The Spanish princess*, de 2019, que possui duas temporadas e conta a vida da Princesa espanhola Catarina de Aragão, desde sua saída da Espanha até a sua trajetória e relação com trono inglês e Henrique VIII. Essa série, por sua vez, também é uma adaptação de um dos romances históricos de Philippa Gregory.

“A princesa branca” se inicia quando Henrique VII, decide cobrar o acordo de matrimônio entre ele e Elizabeth de York, filha de Eduardo IV e Elizabeth de Woodville. O casamento simboliza o fim da guerra e a união das duas linhagens. Uma prova disso está no diálogo que ocorre entre os cônjuges, onde Henrique apresenta a sua nova esposa o novo emblema que representaria a casa Tudor, uma grande flor vermelha, que no centro possuía uma flor branca, representando não apenas a ascensão dos Tudor, como também a junção das casas York e Lancaster/Tudor.

O drama se passa em uma Inglaterra fragilizada, e abalada pela guerra, que apesar de ter se encerrado o conflito, ainda perdurava as consequências deste, como a instabilidade política, o enfraquecimento da nobreza, economia arrasada. O que levou a necessidade de uma tomada de decisões, que influenciou mudanças significativas na sociedade inglesa. Várias casas nobres caíram, novas se ergueram,

o enfraquecimento da nobreza levou a coroa a centralizar o poder em se mesma, na economia, houve um fortalecimento do controle fiscal, aumentando os impostos e controlando os gastos públicos, sem falar na busca por alianças matrimônias, como o caso do acordo entre a Espanha e a Inglaterra, onde a princesa espanhola Catarina de Aragão fora prometida ao príncipe de Gales Arthur Tudor.

No meio deste cenário de mudanças e incertezas, é que se encontra Elizabeth de York, uma mulher forte e resiliente, que luta para entender seu lugar no mundo, pós-guerra das rosas. Elizabeth se mostra dividida sobre que lado seguir, sendo uma princesa iorquina e agora uma rainha Tudor, casas que por anos estavam em lados opostos e agora estavam unidas pelo seu matrimônio. Essa busca será a motivação central dela no início da série, e o que influenciara em sua relação com a mãe e com a sogra Margareth Beaufort. Em seu lado religioso a nova rainha Tudor será muito parecida com sua mãe visto que apesar de seguir os dogmas católicos, ela acredita fortemente na magia. Uma cena na qual isso fica evidente é quando logo após o nascimento de seu filho ela recebe uma carta de sua mãe, a Rainha viúva, dizendo que seu primogênito Arthur não viverá o suficiente para se tornar rei, o que a deixa visivelmente preocupada em relação ao futuro dele.

Falando de maternidade, podemos dizer que esse foi o ponto de virada para Elizabeth, o momento em que ela abraça de vez o “ser uma rainha Tudor”. Ela não esquece suas origens, porém passa a focar em mater o poder de sua nova casa. Em proteger os seus filhos e os interesses destes, tomando medidas que busquem assegurar o trono nas mãos da dinastia Tudor pelo máximo de tempo possível. Um exemplo disso foi sua participação na execução de um jovem que se dizia ser seu irmão Eduardo, que supostamente morreu ainda na juventude. Elizabeth se manteve o tempo todo ao lado de Henrique, e por mais que se sentisse triste com a situação, sempre negou a veracidade da reivindicação do suposto irmão, estando presente inclusive em sua execução. Outro ponto que mostra esse afastamento com esse seu lado York, é que apesar de buscar casamentos bons para suas irmãs mais novas, Elizabeth, acabou por afastá-las da corte assim como a sua mãe, que apesar de ter uma certa influência, devido a sua posição, acabou não sendo mais tão presente assim na corte inglesa. Essa mudança de postura da nova matriarca Tudor, já era esperada por sua mãe que chegou a dizer isso para ela novamente por meio de uma carta.

No meio de toda essa mudança, muda-se também a relação de Elizabeth com a sua sogra Margareth, inicialmente rivais, elas passam a desenvolver uma aliança visando o bem-estar de sua família e da regeneração da Inglaterra, com ambas juntando forças e usando de seus poderes e influência para alcançar o objetivo em comum.

Por fim é válido dizer que as series tiveram um alcance maior que os romances pois além de atender aqueles que já eram fãs dos livros eles trouxeram um público novo, que não conhecia o produto original, mas, que gosta de dramas históricos, de época, de romance e por assim vai. Não é necessário conhecer um livro, para compreender as series ou vice-versa eles se comunicam por se só cada um de sua maneira e com seus próprios atributos. Por fim, essa história narra fatos do passado, porém com o olhar de hoje, e busca dar voz as mulheres dentro da história.

### **Capítulo 3: influências das mídias de comunicação para a construção de um imaginário contemporâneo acerca do feminino medieval.**

Como o dito até o momento tanto os livros de Philippa Gregory, quanto as series da BBC Studios, narram os mesmos acontecimentos, do período conhecido como Guerra das rosas, contando estes por meio da ótica feminina, tendo como objetivo não apenas contar a história da guerra, mas também de transpor o ecossistema feminino em um período de adversidade. Misturando elementos históricos e fantasiosos para compor a produção. As histórias contadas tanto nos dois romances quanto nas duas series são continuidades umas das outras, ao mesmo tempo que são partes integrantes de algo maior. Os romances são dois dos cinco livros que integram a coleção Guerra das rosas. Já as series fazem parte de um grupo de produções que adaptaram livros de Gregory para a televisão, outros títulos oriundos destas adaptações foram The Tudors, A princesa espanhola, A outra garota Bolena entre outros títulos.

Ambos, os produtos midiáticos possuem claras semelhanças entre as, como por exemplo o foco na perspectiva feminina, abordando tudo que engloba o mundo da mulher seja, o casamento, a viúves, a maternidade, a pressão social e familiar, etc., o período histórico que é retratado, a relação entre a religião oficial cristã e a magia, visto que a personagens que são regidos pelos dois, as batalhas abordadas, as relações e os conflitos tanto dentro, quanto entre as famílias York e Lancaster/Tudor, a busca pelo poder, o uso de simbolismos para dar força a certos aspectos da trama. Porém nem tudo é semelhança. Uma diferença gritante entre as series e os livros, é que apesar das series ainda manter o uma predominância da visão feminina, as series iram focar muito mais nos problemas políticos, sociais e nas batalhas. Outra diferença e a forma narrativa das histórias, os livros, são mais detalhados e contam a história de uma forma mais lenta, já nas series isso muda o ritmo é mais frenético e alguns detalhes são deixados de lado, trazendo até alterações na história dos personagens. Mas como, apesar das diferenças entre esses produtos, eles acabam influenciando a criação de um imaginário acerca do feminino na Idade Média?

Primeiramente, para responder essa pergunta é necessário compreender alguns aspectos como por exemplo, qual é o público que consome esse tipo de

produto. De uma forma geral o público que mais comumente se atrai por produtos, seja eles, series, animações etc., que tenham essa abordagem de época, e aqui não falando apenas da idade média, mas também antiga e moderna, são jovens adultos de idades entre 18 e 34, porém também encontrando espaço grande entre pessoas de 35 a 54 anos. É claro que isso não quer dizer que outros grupos não consumam. No quesito divisão de gênero os homens acabam por se sentir mais atraídos pelas series do gênero fantasia e ficção, já as mulheres optam mais pelo romance histórico.

Outro ponto importante a ser levado em consideração aqui, é a facilidade de acesso a esses produtos. Nunca na história da humanidade houve tantas opções, e meios de acesso como se tem hoje. Começando pelos livros, não é de hoje que a humanidade conhece esse objeto, isso é fato. O livro tem sua história iniciada a cerca de 3000 a.c. em antigas civilizações como a romana, a grega e a egípcia, na época usado rolos de papiro. O formato conhecido hoje é oriundo do século II d.C., se popularizando na Idade Média com a produção de manuscritos em mosteiros. Porém até aí ainda era algo muito lento, e o processo era totalmente manual, o que cominava ne existência de pouquíssimas copias e conseqüentemente caras. Fazendo de sua aquisição muito difícil e restrita. A revolução que abriu as portas para mudar essa realidade foi a invenção da prensa de Gutenberg em 1440. De lá para cá, os livros foram ganhando novas formas e cada vez mais leitores. Por falar em leitores é importante lembrar que no passado o número de alfabetos, era muito maior do que hoje, visto que a educação era extremamente cara e somente a aristocracia tinha acesso.

Já as series possuem uma história relativamente mais recente. Começando na década de 1920 como um experimento de imagens, porém já nas décadas de 1940 e 1950 as primeiras transições de programas de comédias e posteriormente dos seriados, devido ao advento tecnológico ocorrido nesta época sobretudo, com a chegada da televisão. Nos anos seguintes novos temas foram surgindo dentro desde novo universo nascendo grandes nomes como “Star Trek”, originalmente lançada em 1966, trazendo o gênero de fantasia e ficção científica. Na década de 1980 se deu o advento das redes a cabo, na qual a HBO foi uma das pioneiras levou a criação de séries cada vez mais ousadas. Com a mudança de século, o século XXI trouxe ainda mais novidades para o mundo das series elas passaram a ter um alcance global e que

só alimentou a partir da segunda década deste século com o surgimento dos serviços de streaming como a Netflix, Amazon Prime, HBO+, Prime Vídeos dentre outros.

Com isso pode-se dizer que um dos fatores que contribuem para que as series e romances como “A princesa branca e A rainha branca” influenciem o imaginário contemporâneo cerca do feminismo medieval e sua facilidade de acesso. Enquanto aquilo que é produzido dentro da academia, tende a ficar muito fechado dentro das paredes da mesma, seja por sua linguagem que muitas vezes só é acessível aos seus pares ou até mesmo os locais onde são publicados e apresentados. É claro que com o crescente interesse na apenas dos historiadores, mas de vários setores da academia pelo multiverso das series, muitos especialistas acabam por se envolver nessas produções levando os conhecimentos da academia para essas produções seja elas midiáticas ou mesmo os livros de romances históricos.

Nos dias atuais o acesso a livros e series é muito maior, com o surgimento da internet e dos serviços de streaming assistir a uma série se tornou a coisa mais fácil do mundo, podemos ter acesso em qualquer lugar, não ficando mais dependentes da televisão, hoje se pode acompanhar uma série ou ler um livro pelo celular, notebook, Kingdom, entre outros dispositivos. Não é necessário nem estar online o tempo todo, pois hoje é possível fazer o download daquilo que se quer ler ou assistir. Estamos na era digital não precisamos ir à livraria comprar um livro, podemos fazer a compra pela internet e este seja entregue em sua casa, não é necessário nem mesmo o papel já que hoje, temos o pdf. Sendo bem sincero hoje, não é preciso necessariamente nem ao menos ler, pois temos o *audiobook*, onde podemos ouvir o livro como se fosse uma música.

As series e os livros são para muitos dos seus consumidores, o seu maior, ou até mesmo único contato com outros períodos históricos, ou realidades deferentes da qual eles estão inseridos. Não estamos falando aqui em peritos em história, porém sim, de um grupo que muitas teve um contato superficial com a antiguidade, o medieval, a modernidade e até mesmo com a própria contemporaneidade. Tomando por exemplo o sistema educacional brasileiro, local onde a maior parte da nossa população tem acesso a esses conhecimentos, de uma forma geral o conhecimento passado ali ainda é muito superficial e precário. Começando pelo tempo de aula, termos aí de duas a cinco aulas semanais dependendo, do nível de escolaridade se é fundamental ou médio assim como também a modalidade ensino se é integral, ou

apenas um turno. Cada aula dessa dura em teoria de 40 a 50 minutos e essas aulas podem ou não ser germinadas, ou seja, o tempo de aula não possibilita que o professor possa se aprofundar muito em determinados conteúdos. Outro ponto é a direção que se dá aos que é ensinado em sala, de acordo com a BNCC o objetivo da educação é preparar a pessoa para a sociedade e para o mundo do trabalho, porém dentro das escolas a realidade é que geralmente o ensino fundamental tem como principal objetivo preparar os estudantes para o ensino médio enquanto esse tem que preparar para o vestibular. Ou seja, o conhecimento é direcionado.

Dentro deste cenário as massas passam a consumir produtos como os citados aqui, e usam eles como fios condutores para a criação de seu imaginário acerca de algo, no caso sobre as mulheres na Idade Média. Mas o que seria imaginário?

“Nós falamos de imaginários quando queremos falar de algo inventado, ou quer se trate de uma invenção absoluta (uma história onde todas as peças são imaginadas e ou de um deslizamento) ou de um deslocamento de sentido, onde símbolos já são investidos de outras significações distintas de suas significações normais ou canônicas.” (Castoriadis, 1965, p.65)

Ou seja, imaginário é algo criado dentro da mente humana, pode ser ou invenção absoluta, ou pode ter um ponto de veracidade por traz, porém ainda é uma criação, que traz um significado para aquele que o realizou.

Neste sentido as series e livros são um prato cheio, para a criação de imaginários pois os personagens ali presentes, apesar de representar figuras históricas, como no caso dos romances de Philippa Gregory, ou das series “A rainha branca” e “A princesa branca”, ou mesmo pessoas que viveram em outras épocas longínquas e realidades fantásticas, eles acabam por criar uma conexão com quem consome estes produtos seja por identificação, modelos de comportamento, escapismo da realidade, construção de comunidade entre outros fatores.

### **3.1 Guerra das rosas: como as series moldam a percepção acerca da mulher dentro deste período.**

Como já citado acima as series tem o poder de criar conexão com o seu telespectador de diversas formas diferentes. Porém aqui vamos nos concentrar em apenas algumas. Em um primeiro lugar está o vínculo de identidade, mesmo que a serie esteja retratando um período longínquo, pôr a guerra das duas rosas inglesa e os personagens sejam figuras históricas, que vivenciaram este período (1455-1487), as ideias e as ideologias que norteiam todo o projeto são originarias da atualidade. Do que é vivido e discutido hoje. Para isso, tome-se o significado presente no Dicionário de Filosofia de Abbagnano, que apresenta a seguinte definição:

“Pode-se denominar ideologia toda a crença usada para controle dos comportamentos coletivos, entendendo-se o termo crença, em significado mais amplo, como noção de compromisso da conduta, que pode ter ou não validade objetiva. Entendido nesse sentido, o conceito de ideologia é puramente formal, uma vez que pode ser vista como Ideologia tanto uma crença fundada em elementos objetivos quanto uma crença totalmente infundada, tanto crença realizável, quanto irrealizável. O que transforma uma crença em ideologia não é sua validade, mas a capacidade de controlar os comportamentos em determinadas situações.” (2007, p.531)

No caso das series o público que mais a consome é o feminino, principalmente na faixa etária dos 18 aos 54 anos. Essas series tem um forte cunho feminista as mulheres aqui são as protagonistas e a guerra é contada através do ponto de vista delas, fazendo com que o universo feminino se torne central dentro das obras, criando assim uma afinidade em o público e a obra visto que o que é abordado apesar da roupagem medieval é algo contemporâneo.

As series são produtos visuais. Sua estética é pensada em agradar os olhos de quem a assiste, e não ser fiel ao que era usado no período narrado.



(A princesa branca, 2017)

Casamento de Elizabeth de York e Henrique VII



(A princesa branca, 2017)

Coroação de Elizabeth de Woodville em A rainha branca



(A rainha branca, 2013)

As imagens acima são pequenas amostras cinematográficas, onde é retratado momentos importantes da história, como a chegada de Elizabeth de York a corte de Henrique VII, seu casamento com o mesmo e a coroação de Elizabeth de Woodville a rainha consorte da Inglaterra.

A forma como estas personagens são representadas no drama, também acaba por influenciar o imaginário atual das pessoas pela forma como se vivia no passado, podendo criar tanto uma ideia positiva, quanto negativa e fantasiosa desta realidade medieval. A intenção aqui é agradar os olhos e de certa forma apontar uma ideia, que nasceu nos dias de hoje, isso traz uma grade poder. Como o defendido Bourdieu, a respeito das relações de comunicação são, “de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo do poder material e simbólico acumulado pelos agentes” (Bourdieu, 2010, p.11). com isso pode-se afirmar que toda relação de comunicação entre dois ou mais agentes é uma relação de poder.

Os dramas televisivos muitas vezes, faz o telespectador colher aquilo que é passado ali como verdade e até mesmo desejar vir aquilo ou mesmo, naquela época.

Quantas vezes por exemplo, ao perguntar a uma menina o que ela quer ser quando crescer? Ela não responde que seu desejo é ser uma princesa. Ou mesmo ouvir algumas pessoas dizendo que 'nasceram na época errada', que queriam ter vivido em outro momento histórico, e quando paramos para ouvir o porquê nos deparamos com uma visão romantizada da história. E sim os dramas têm um papel para esse contexto.

Primeiramente vamos pensar: quem são as pessoas retratadas nestas histórias? Nesses enredos? Geralmente, são pessoas da nobreza, os cavaleiros com grandes armaduras e um maravilhoso senso de honra, são pessoas importantes os podres e mesmos favorecidos quase não aparecem, e quando aparecem não são o foco principal. Os figurinos também possuem sua contribuição, vestidos majestosos, como os das imagens anteriores, as joias, os sapatos, os belos cabelos longos sempre bem cuidados, as unhas sempre bem-feitas, a pele e a maquiagem perfeitas, os castelos luxuosos, tudo isso cria uma atmosfera que acaba por moldar a forma como algumas pessoas veem a vida na idade média. São histórias de amor que passam as barreiras do social, elas, no caso das series tralhadas aqui e de tantas outras, tem uma voz ativa nas decisões do reino, quando a realidade não era bem essa.

É claro que a nobreza vivia muito melhor que as classes mais baixas da população, porém não na forma que nos mostrado nas series. A higiene na época deixava a desejar, banhos eram raros, os cabelos eram trancados, o risco de piolhos era grande, não se tinha manicure, ou os procedimentos estéticos que temos hoje, as roupas as mulheres deveriam se cobrir o máximo possível, nada destes decotes que vemos nos dramas, isso é algo contemporâneo. Os casamentos eram alianças políticas e não as grandes paixões que se ver nesses programas, os castelos viviam superlotados, mal iluminados e com pouca mobília, em alguns casos.

Saindo do estético, a forma como os personagens representados também contribui para a manipulação de imaginário, pois ao trazer figuras como Elizabeth de York, Elizabeth de Woodville, Anne de Neville, Margareth Beaufort, não apenas como figuras centrais, mas como também, líderes, que desafiam as normas e a de sua época, usando de sua inteligência, estratégia e influencia para consagras os objetivos de suas famílias e os seus próprios, acaba por criar uma ruptura que com a visão já consagrada e tradicional de submissão.

Outro ponto são as relações de gênero dentro da obra, pois ao abordar temas como amor, casamento, traição e rivalidade, acaba por gerar no telespectador uma visão, mesmo que superficial de como essas relações eram construídas dentro deste cenário.

### **3.2 Como a literatura pode influenciar o imaginário contemporâneo acerca do feminino medieval**

Não apenas as series, mas também a literatura pode influenciar os indivíduos em sua percepção imagética a cerca de um ideal feminino na Idade Média. O uso da história e da literatura para criar um imagético acerca de algo, não é uma coisa nova. No Brasil pós Proclamação da Independência por exemplo, o movimento romancista, com escritores como José de Alencar e Machado de Assis que produziram obras como, “Iracema” e “Dom Casmurro” respectivamente, tinha como objetivo criar uma identidade cultural própria para a nova nação. Neste período o indígena brasileiro passou a ser representado como uma espécie de “herói” ganhando em alguns casos traços de um cavalheirismo europeu. Outro exemplo da literatura sendo usada para influenciar o imaginário do público sobre algo, neste caso, uma figura histórica foi o livro “*Book of Martyrs*” do inglês John Foxe, nascida da propaganda protestante e que foi considerado o responsável por propagar a Imagem de Mary I Tudor como uma rainha sanguinária, visão que perdurou até os anos de 1970.

Como exemplificado acima a literatura tem um grande poder de influenciar opiniões e construir visões sobre algo. Por exemplo “Book of martyrs” foi escrito no século XIX, Mary, a rainha retratada viveu no século XVI, mais especificamente entre os anos de 1516 e 1558, e a propaganda do livro foi até a sétima década de século XX. Com os livros trabalhados aqui acontece algo parecido eles retratam uma guerra que ocorreu na Inglaterra do século XV, porém, eles foram escritos e lançados no século XXI, e com isso moldam a memória contemporânea.

“Memoria como capacidade de reter um dado da experiencia ou um conhecimento adquirido e de trazê-lo á mente; considerada essencial para a

constituição das experiências e do conhecimento científico. A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente.” (Dicionário básico de filosofia, 2001, p. 178)

Agora que já foi deixado claro o sentido de memória que estamos usando aqui. Deve-se lembrar que a memória é algo mutável e que pode ser influenciada pelo sentimento que a pessoa coloca ali. E se tem algo que os romances históricos da Philyppa Gregory trabalham muito bem é são as emoções, a autora traz personagens cheios de camadas, que sentem amor, ódio, alegria, tristeza, medo de formas tão bem escritas que levam o leitor a se apegar a elas, mostrando suas relações interpessoais e trazendo mulheres humanas para a história e claro que isso cria um sentimento de veracidade em que ler a obra.

Outro ponto é a ótica pela qual a obra é desenvolvida, por ser um romance cujo principal público é o feminino. a narrativa ser desenvolvida por meio da visão das mulheres acaba sim por influenciar o imaginário desse grupo acerca da vida dessas mulheres medievais. Soma-se a isso a forma como as relações de poder, política, social e matrimonial, estão sendo representadas, sempre colocando essas senhoras em lugares de grande destaque.

As mulheres nos livros são inteligentes, poderosas, lindas, nobres, rainhas e *ladys* importantes, que usam de seu poder e influência para manter e conseguir conquistar os seus objetivos. São independentes e que rompem com as barreiras impostas pela sociedade de sua época e é claro que isso vai influenciar o ideal do leitor, que outrora que foi 100 por cento fantasiosa, hoje mistura fantasia, imaginação e historicidade.

## Conclusão

A análise da influência das mídias de comunicação na construção do imaginário contemporâneo acerca do feminino na Idade Média, com um foco especial na Guerra das Rosas, revela como as narrativas atuais moldam e redefinem as percepções históricas. Ao explorarmos as obras de Philippa Gregory, tanto em seus romances quanto nas adaptações para a televisão, torna-se evidente que há uma significativa transformação no papel das mulheres na narrativa histórica. As protagonistas, como Elizabeth Woodville e Elizabeth de York, são apresentadas não mais como figuras secundárias relegadas à sombra dos homens, mas sim como agentes ativas que desempenham papéis cruciais em suas próprias histórias. Essa mudança de perspectiva é fundamental para entender como a literatura contemporânea pode reescrever a história ao dar voz àquelas que foram historicamente silenciadas.

As obras de Gregory destacam a complexidade das personagens femininas, que enfrentam desafios significativos em um mundo dominado por normas patriarcais. Por meio de suas narrativas, a autora não apenas ilustra as lutas pessoais dessas mulheres, mas também insere suas histórias dentro de um contexto histórico mais amplo, revelando como elas utilizam sua inteligência, força de vontade e astúcia para navegar por intrigas políticas e sociais. Assim, o leitor é convidado a refletir sobre a realidade das mulheres na Idade Média, que muitas vezes é simplificada ou distorcida.

Além disso, essas representações contemporâneas contribuem para um debate mais amplo sobre questões de gênero e poder. Ao explorar as dinâmicas familiares e sociais que cercam as protagonistas, Gregory desafia a narrativa tradicional que frequentemente apresenta as mulheres como meras coadjuvantes na história. A intersecção entre ficção e história permite que o público moderno se conecte emocionalmente com essas figuras femininas, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel das mulheres em um período marcado por conflitos e tensões.

O impacto dessas obras vai além do entretenimento; elas servem como ferramentas de transformação cultural. Ao reimaginar figuras históricas femininas como líderes e estrategistas, as narrativas contemporâneas desafiam as visões tradicionais que frequentemente marginalizam as contribuições das mulheres. Essa revalorização é especialmente relevante em um momento em que as discussões

sobre igualdade de gênero e empoderamento feminino estão em destaque na sociedade contemporânea. Assim, as obras de Gregory não apenas recontam eventos históricos, mas também moldam a percepção atual do feminino, incentivando um diálogo mais crítico e inclusivo que reverbera em nossa sociedade.

É importante notar que, ao abordar figuras femininas com complexidade e nuance, essas narrativas não apenas oferecem uma nova visão sobre a história, mas também incentivam o público a questionar as narrativas dominantes que frequentemente excluem as vozes femininas. Essa reinterpretação da história é um passo fundamental para a construção de um imaginário mais inclusivo que reconhece a importância das mulheres em todas as esferas da vida, desde a política até as relações pessoais.

Por fim, a análise das obras de Philippa Gregory destaca a relevância das narrativas midiáticas na formação de identidades femininas, sublinhando a capacidade dessas histórias de influenciar o imaginário contemporâneo. As obras não apenas trazem à tona as experiências das mulheres na Idade Média, mas também promovem uma reflexão sobre como essas experiências ressoam com as questões de gênero que enfrentamos hoje. Assim, ao reexaminar o passado por meio da lente do presente, somos capazes de compreender melhor as complexidades das relações de gênero e o impacto duradouro das narrativas femininas na história. Essa pesquisa, portanto, não só enriquece o campo da história, mas também contribui para um debate mais amplo sobre a representação das mulheres e o papel do feminismo na construção da memória coletiva.

## Referencias

**ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 531.**

**A PRINCESA BRANCA. Produzida por BBC Studios. Direção de David S. Goyer. 1. temporada. 2017. Disponível em: Netflix. Acesso em: 2025**

**A RAINHA BRANCA. Produzida por BBC Studios. Direção de David S. Goyer. 1. temporada. 2013. Disponível em: Netflix. Acesso em: 2025**

**BARBIER, Renê. Sobre o Imaginário. Tradução: Márcia Lippincott Ferreira da Costa e Vera de Paula. Pontos de Vistas: O que pensam outros especialistas? Revista em Aberto. Brasília, ano 14. n.61, jan/mar.1994**

**BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 13ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010**

**FERREIRA, Bianca. O desenvolvimento da imaginação pela literatura. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Rio Claro. Orientadora: Profª Dra. Débora Cristina Fonseca; Coorientadora: Profª Dra. Carolina Gonçalves Souza.**

**\*GERMANO, Marlene Soares Freire; LIMA, Wagner Luiz Ferreira. A importância do imaginário social no processo de formação de sujeitos críticos. \*Conexão Acadêmica\*, v. 7, dez. 2015. ISSN: 2236-0875. Disponível em: [www.conexaoacademica.net](http://www.conexaoacademica.net). Acesso em: 13 de janeiro de 2026**

**GREGORY, Philippa. A Rainha Branca. Rio de Janeiro: Record, 2014.**

**GREGORY, Philippa. A Princesa Branca. Rio de Janeiro: Record, 2015.**

**Japiassu, H., & Marcondes, D. (2001). \*Dicionário básico de filosofia\* (3. ed., revista e ampliada). Jorge Zahar Editor.**

**PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. \*Revista de Sociologia e Política\*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Recebido em 13 jul. 2009. Aprovado em 10 dez. 2009.**

**SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade.** Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.